CAPÍTULO IX
Ventos favoráveis

As propostas de Abraham Flexner não eram tão radicais como as de John Dewey e dos outros wundtianos envolvidos com educação, mas o livreto de Flexner, apresentado ao público como um documento do Conselho Geral de Educação, apoiado pelos milhões de Rockefeller, produziu uma reação dramática e imediata em todo o país. Numa época em que os submarinos alemães perseguiam as embarcações inglesas no Atlântico Norte, preparando a entrada americana na Primeira Guerra Mundial, e os jornais estavam repletos de notícias da Europa, o *New York Times* dedicou um grande editorial à proposta de Flexner, nomeando-a "radical e perigosa", e "subversiva de boa parte do que julgamos certo e necessário em nosso sistema educacional atual":

> A coroa triunfal do materialismo explícito encontra-se na teoria da escola moderna. Em todo o programa não há um único aspecto espiritual, uma única idéia que erga-se acima da necessidade de colocar dinheiro nos bolsos e comida no estômago [...]. É uma questão a ser prontamente discutida, por simples ponderação, se o Conselho Geral de Educação poderia, devido aos imensos recursos de que dispõe, moldar ao seu bel-prazer praticamente todas as instituições em que nossos jovens são formados.
>
> Se este experimento der o fruto esperado, veremos ser imposto nos EUA um sistema de educação nascido das teorias de um ou dois homens, substituindo um sistema que é fruto de um desenvolvimento natural da cultura americana e das necessidades de seu povo [...]. Os planos do Conselho Geral de Educação exigem um exame minucioso.[1]

Houve uma enxurrada de protestos contra o Conselho Geral de Educação e suas tentativas de controlar e alterar a educação americana. No *New York Journal of Commerce*, vemos:

> Podem-se dar abundantes exemplos de como a mera expectativa de uma enorme doação mudou os rumos de uma administração universitária e fez com que ela navegasse por novos caminhos, em busca dos ventos favoráveis da prosperidade econômica.[2]

Em *Manufacurer's Record*, de Baltimore, Maryland, vemos:

> O controle, através da posse milhões insuflados no truste educacional, de dois, três, quatro ou muitos milhões de dólares investidos em educação torna possível

[1] *The New York Times*, 21 de janeiro de 1917, seção 7 e 8, p. 2.
[2] *Congressional Record (Senate)*, 8 de fevereiro de 1917, 2834.

> o controle da estrutura e dos métodos educacionais. Torna possível para a central de controle determinar o perfil da educação americana, os livros didáticos a serem usados e os objetivos a serem enfatizados. Ao operar através de escolas e universidades estatais, denominacionais e privadas, dá ao financiador o poder de impor suas próprias idéias aos beneficiários, boas ou más, e de dominar, portanto, a opinião pública em assuntos políticos, econômicos e sociais.[3]

Assim também o *New Orleans Times-Democrat*:

> O caso é bastante claro. O fundo administrado pelo Conselho Geral de Educação é fornecido por homens que têm grande interesse em moldar a opinião pública sobre certos assuntos de importância vital para a sociedade. Seja a filantropia um disfarce para atingir os fins desejados, seja o plano concebido altruisticamente e essa nefasta influência exercida inconscientemente, o resultado será o mesmo, no final.
>
> As doações são peneiradas por restrições e condições, sendo que o Conselho Geral as estabelece, e verifica o seu cumprimento. Cada universidade que usufrui dessas doações torna-se em certo sentido, um pedinte. Não são apenas suas diretrizes parcialmente direcionadas pelo Conselho, mas uma influência adicional é exercida, queira-se ou não, pelos desejos de seus bem-feitores.[4]

O debate continuava no nível do Senado Americano, com o Senador Chamberlain de Oregon liderando o ataque contra o Conselho Geral de Educação e publicando as opiniões de inúmeros educadores americanos, entre eles o Bispo Warren A. Candler, Chanceler da Universidade de Atlanta, Georgia, que dizia:

> O Conselho Geral, dirigido por tamanho poder financeiro, está em posição de fazer o que, atualmente, ninguém neste país sequer tentaria: determinar, de forma geral, quais instituições devem prosperar e, em alguma medida, quais devem estagnar ou decair. O Conselho pode observar o território da nação, anotar os locais em que há deficiência na educação e começar novos planos educacionais de qualquer espécie que deseje, ou reavivar planos antigos. Ele pode fazer, sob muitos aspectos, o que os governos francês e alemão fazem pela educação. Seu poder será imenso; talvez a ponto de determinar o perfil da educação americana. Os meios que possuem não passam de uma fração da vasta soma que virão a controlar; ao fazer uma doação a uma instituição com a condição de que esta gere uma quantia igual ou maior, o Conselho poderá dirigir, em algum tempo, uma quantia muito maior do que a atual.
>
> É possível que, como mecanismo de controle da opinião acadêmica, nunca, em toda a história da educação, tenha havido algo comparável ao sistema de subsídios educacionais do Conselho [...]
>
> [...] Devemos algo aos nossos ancestrais, fundadores e mantenedores das velhas instituições de ensino. Não temos o direito de acorrentar os regalos por eles oferecidos no altar da educação superior às condições tirânicas prescritas

[3] Ibid.
[4] Ibid.